

Desmonumentalização da ditadura militar: relato de experiência a partir de um intercâmbio nos centros de memória e campos de concentração da Alemanha e Polônia

Demumentalization of the military dictatorship: an experience report from an exchange program in the memory centers and concentration camps of Germany and Poland

Alexandre de Albuquerque Mourão (UFM)¹

Resumo: Este texto relata o intercâmbio “Desmonumentalização da Ditadura”, do Coletivo Aparecidos Políticos (Fortaleza, CE), na Alemanha e Polônia. O objetivo foi usar a consolidada memória social europeia sobre o nazismo (incluindo visitas aos campos de concentração de Auschwitz e Dachau) para pensar a luta contra a exaltação da ditadura militar brasileira (1964-1985) e o avanço da extrema-direita atual. A experiência revelou que, mesmo em países com forte “cultura da memória”, o ressurgimento do populismo extremo é uma realidade. Conclui-se que a memória deve ser tratada como uma advertência emergencial contínua contra o ódio e a repetição histórica, como destacava Primo Levi.

Palavras-chave: ditadura militar; memória coletiva; arte.

Abstract: This work reports on the “Demumentalization of the Dictatorship” exchange program by the Aparecidos Políticos Collective (Fortaleza, CE) in Germany and Poland. The objective was to use the consolidated European social memory regarding Nazism (including visits to the concentration camps of Auschwitz and Dachau) to think the struggle against the exaltation of the Brazilian military dictatorship (1964-1985) and the advance of the current far-right. The experience revealed that, even in countries with a strong “culture of memory”, the resurgence of extreme populism is a reality. It is concluded that memory must be treated as a continuous emergency warning against hatred and historical repetition, as Primo Levi emphasized.

Keywords: military dictatorship; collective memory; art.

DOI: 10.47456/col.v15i26.50929



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](#)

¹ Professor efetivo de Artes Visuais da UFMA. Doutor em Psicologia pelo PPGPD-UNB, mestre em Educação pelo PPGE-UFC, licenciado em Artes Visuais pelo IFCE e graduado em Psicologia pela UNIFOR. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7667-4357>.

Introdução

O que a experiência da memória social alemã e polonesa, em relação ao estado de exceção (Agamben, 2004) nazista, pode ajudar na compreensão da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e o avanço da extrema direita, nos dias de hoje? Longe de querermos traçar qualquer tipo de comparação entre os dois estados de exceção, pretendemos trazer algumas contribuições para o modo como a arte, através de um intercâmbio que realizamos na Alemanha e na Polônia, pode contribuir com os debates sobre preservação do patrimônio, museologia (Gouveia, 2025) e memória social, relacionados aos anos de chumbo brasileiro. Há interlocuções profundas entre as experiências totalitárias europeias do século XX e a ditadura civil-militar brasileira. Ambas se assentaram sobre um mesmo imaginário de guerra interna, de purificação social e de eliminação do inimigo político.

A insignia apresentada nos espaços de memória visitados – “lembra, pra não repetir” – serve de exemplo para compreensão de nosso atual momento político e traz à tona a necessidade de discutirmos sobre a memória coletiva (Halbwachs, 1999). A máxima da não repetição é tão importante que basta lembrar que, em 8 de janeiro de 2023, o Brasil foi palco de uma grave tentativa de golpe de Estado, orquestrada por setores da extrema-direita, com o apoio de algumas alas militares. O ataque representou a mais severa ameaça ao regime democrático desde o término da ditadura civil-militar (1964-1985). Pela primeira vez na história republicana do país, agentes militares e um ex-presidente (Jair Bolsonaro) enfrentam processos judiciais e condenações por delitos contra o Estado de Direito e a ordem democrática. Contudo, apesar da seriedade dos fatos, dados do Datafolha (2024), em reportagem de Carlucci (2024), revelam uma fragilidade no apoio popular à democracia: enquanto 71% a preferem, 18% a consideram irrelevante, e 7% admitem preferir um regime ditatorial em certas situações.

Visitar *in loco* a Alemanha e a Polônia, para observar como aquelas sociedades, suas instituições museais e artísticas trabalham a memória,

nos ajudou a reunir elementos que poderiam ser ressignificados em um contexto nacional, apesar das diferenças históricas. O que se seguirá aqui é um relato de um intercâmbio em cerca de quinze centros de memória, dentre eles dois campos de concentração, realizado por um coletivo brasileiro, denominado Aparecidos Políticos. O projeto relatado foi realizado em parceria com a autora e diretora alemã, Christiane Mudra, no âmbito do Programa Funarte Retomada 2023 – Artes Visuais, do Ministério da Cultura. Antes de adentrarmos no relato em si, faz-se importante contextualizar os executores do projeto.

Coletivo Aparecidos Políticos

O Coletivo Aparecidos Políticos, do qual os autores deste artigo fazem parte, é um grupo de arte e memória surgido em Fortaleza-CE, em 2010. O início do coletivo está intrinsecamente ligado a um marco histórico de memória coletiva: o velório de Bergson Gurjão Farias, militante desaparecido pela ditadura, e só identificado em 2009. A cerimônia, carregada de intensidade, nos fez refletir sobre os desaparecimentos forçados e os resquícios do regime militar, gerando uma indignação fundadora no grupo. Essa experiência foi percebida como um “estado de deslocamento no tempo” (Didi-Huberman, 2014, p. 18), que motivou a investigação das tensões entre o passado e o presente na paisagem urbana. A perplexidade inicial se aprofundou ao constatarmos que a cidade de Fortaleza² mantinha uma forte cultura de exaltação a militares e figuras ligadas à ditadura – como Costa e Silva e Médici –, que haviam imposto políticas que silenciaram e fizeram desaparecer Gurjão.

Desde aquele ano, constatamos que a memória coletiva da cidade homenageava, através de nomes de ruas, prédios públicos e particulares e até escolas, violadores de direitos humanos, contrastando com o desconhecimento geral sobre as vítimas e a prática de

² Realizamos uma cartografia que levantou mais de 30 locais que referenciam, através de nomeações de diversos logradouros, agentes da ditadura militar. Disponível em: <https://aparecidospoliticos.com.br/2020/03/cartografia-da-ditadura-em-fortaleza/>. Acesso em: 12 dez. 2025.

extermínio de dissidentes (Pacheco, 2025). Essa contradição nos traz sempre a àquele clássico apontamento de Walter Benjamin, para quem a história é contada pelos vencedores e seus monumentos são “documentos da barbárie” (Benjamin, 2020, p. 55). Assim, nossa fundação emergiu da fusão entre a atuação política e a participação, na época, em um grupo de pesquisa de artes visuais que investigava a arte pública relacional (Rolin, 2014), já que naqueles anos éramos estudantes de artes visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. O foco do nosso grupo passou a ser a pesquisa-intervenção (Passos; Kastrup, 2009; Rocha, 2003), utilizando dispositivos metodológicos como grafite (Póvoa; Fonseca, 2025), lambe-lambe e intervenção urbana para atuar no debate público.

Desde nossa primeira ação em 2010, buscamos reinserir narrativas silenciadas na paisagem urbana, investigando as tensões do presente e a memória coletiva (Halbwachs, 1999). Em quinze anos de atuação, realizamos diversas exposições e atividades, influenciando, inclusive, a criação da Lei Estadual nº 16.832/2019, que trata de orientações de memória histórica no Ceará. O trabalho alcançou reconhecimento internacional, com atividades na Austrália, além de parcerias com grupos da Argentina, Espanha e França. Apesar de sermos um coletivo artístico urbano, também realizamos produções acadêmicas, com a organização de livros (Mourão; Figueiredo; Schincariol, 2016; Mourão et al, 2015), publicação de artigos (Mourão; Nina, 2023; Pacheco et al., 2024), sendo, ainda, objeto de teses e citações em artigos internacionais (Guerra, 2023; 2025).

Projeto “Desmonumentalização da Ditadura Brasileira: um intercâmbio artístico a partir da memória do holocausto”

O projeto “Desmonumentalização da ditadura”, realizado em setembro de 2024, consistiu em um intercâmbio artístico e cultural na Alemanha e na Polônia, em parceria com a artista e diretora alemã Christiane Mudra.

O objetivo principal foi visitar e estudar espaços de memória do Holocausto, como o Museu do Holocausto em Berlim, o Espaço de Memória do Campo de Concentração de Dachau (Munique), e o Museu Auschwitz-Birkenau, na Polônia. A escolha desses países se justificou pelo vasto e consolidado processo de reparações históricas e a construção de uma memória cultural sobre as atrocidades do nazismo, visando evitar a repetição de erros históricos através da manutenção de seu patrimônio. A parceria com Christiane Mudra, que investiga o extremismo de direita alemão e foi observadora do julgamento da organização neonazista³ (NSU), visou fortalecer e aprofundar o trabalho do coletivo.

Apresentaremos nos próximos subtópicos alguns dos locais visitados ou iniciativas artísticas que acreditamos merecer um destaque para discussões sobre a memória coletiva. Como visitantes desses locais, voltamos com a necessidade, quase imperativa, de relatar aos outros o que ali vimos. Em seu relato de sobrevivência no campo de concentração de Auschwitz, É Isto um Homem? (1988), o italiano Primo Levi (1919-1987) descreveu a vida marcada pela desumanização extrema. Ele afirmou que o desejo de testemunhar e envolver “os outros” em sua experiência atingiu o status de um impulso imediato e poderoso, comparável em intensidade a necessidades elementares, como comer.

Campo de Concentração de Auschwitz

O Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau, inaugurado na primavera de 1940, na Polônia ocupada, foi o maior e mais notório complexo de extermínio da Alemanha nazista. Originalmente concebido para deter cidadãos poloneses, como intelectuais e membros da resistência, rapidamente se tornou o centro da destruição em massa dos judeus europeus com a implementação da “solução final” de Hitler.

³ O julgamento foi um dos mais longos e importantes processos judiciais da história recente da Alemanha. Ele lidou com uma série de crimes cometidos por um grupo terrorista neonazista de extrema-direita, que atuou secretamente por mais de uma década

Atualmente, o local é preservado como o Memorial e Museu Auschwitz-Birkenau, sendo o único campo de extermínio classificado como Patrimônio Mundial da UNESCO.

Visitar um local que só havíamos visto em filmes e documentários foi uma experiência impressionante. Havia um misto de curiosidade e, ao mesmo tempo, de náusea e horror por estar naquele espaço. Sabíamos, desde o início, que não seria uma experiência banal e corriqueira. Ficamos surpresos com o número de visitantes no local, principalmente jovens. Havia diversos ônibus na entrada, e isso nos sinalizou que aquele era um local com um público atento. Reservamos a visita guiada em grupo e, em cerca de 3h30, percorremos diversos trechos do campo. A visita se iniciou pelo portão já mencionado. Depois, seguimos pelos quartéis (*barracks*), onde funcionavam os alojamentos e hoje há exposições mostrando as condições de vida e as evidências dos crimes nazistas, como os pertences, roupas e até cabelos das vítimas. Apesar de todos os locais serem angustiantes, um dos mais difíceis foi entrar nas antigas câmaras de gás e crematório. O ambiente enclausurado e hostil nos deu uma sensação de inquietação. Passamos também pelo *Barrack 10*, que era o local dos “experimentos” dos médicos da SS.

Campo de Concentração de Dachau

O Campo de Concentração de Dachau, localizado a cerca de 16 km de Munique, na Alemanha, foi o primeiro campo de concentração permanente estabelecido em 1933. Serviu de modelo para todos os campos de concentração subsequentes e foi uma “escola de violência” para os homens da SS. Hoje, o local está preservado como o Memorial do Campo de Concentração de Dachau (*KZ-Gedenkstätte Dachau*), e a visita é organizada seguindo o Caminho dos Prisioneiros, com o objetivo de relembrar e educar sobre os horrores ali infligidos a mais de 200 mil pessoas.

Mesmo sendo menos conhecido e menor do que Auschwitz, ele é relevante por ter sido o primeiro. A visita passa pelo edifício

administrativo (*Jourhaus*) e um portão com a mesma insígnia: “o trabalho liberta”. Outro local é a Praça da Contagem –um vasto campo aberto onde os prisioneiros eram forçados a fazer longas chamadas diárias, essenciais para a rotina de desumanização.

Havia também os *bunkers*, as câmaras de tortura e o campo de treinamento da SS, que era a área usada para o treinamento dos guardas nazistas que comandavam o campo. No antigo edifício de manutenção, existe uma exposição permanente, fornecendo um conhecimento básico da história do campo, das histórias dos prisioneiros e da importância do local. Pudemos observar, ao longo da caminhada, diversos monumentos religiosos e memoriais de arte dedicados àqueles que sofreram e morreram no local, incluindo o Monumento Internacional de Nandor Glid e o Monumento ao Soldado Desconhecido. Contudo, similar a Auschwitz, uma das partes mais difíceis foi a entrada no crematório. Por ter sido o segundo campo visitado, dois dos quatro integrantes, devido ao mal-estar, optaram por ficar do lado de fora.

Finalizada a visita à Dachau, retornamos a Berlim, onde fomos visitar os espaços de memória de uma das cidades mais emblemáticas no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Memorial do Holocausto

O Memorial aos Judeus Mortos da Europa, popularmente conhecido como Memorial do Holocausto, é um dos monumentos mais impactantes de Berlim e serve como um local central de lembrança às vítimas judaicas do Holocausto. Projetado pelo arquiteto Peter Eisenman e inaugurado em 2005, o complexo é composto por dois elementos principais: o Campo de Estelas e o Centro de Informação subterrâneo. O Campo de Estelas é uma vasta área aberta, com cerca de 19.000 metros quadrados, coberta por 2.711 blocos de concreto de diferentes alturas, dispostos em um padrão ondulado que, ao ser percorrido, gera nos visitantes uma sensação de desorientação e isolamento, simbolizando a magnitude e o horror indescritíveis do genocídio.

O clima chuvoso e cinza em Berlim, quando visitamos o Memorial, potencializou uma sensação melancólica e lânguida. A perspectiva arquitetônica de se andar em meio a “túmulos”, dispostos de modo heterogêneo, nos leva, ao mesmo tempo, a uma atmosfera reflexiva. Não há como não associar, igualmente, a uma ideia de labirinto, como se estivéssemos caminhando em meio a algo perdido, no qual tentamos nos achar ou encontrar algo. Apesar do clima cinzento, a disposição geométrica e diversa dos blocos, incrustados em uma cidade movimentada, não deixa de ser convidativa.

Topografia do Terror

A Topografia do Terror em Berlim é um centro de documentação e memorial situado no local exato onde funcionavam as sedes centrais dos principais aparatos de repressão do regime nazista: a Gestapo (Polícia Secreta do Estado), a liderança da SS (*Schutzstaffel*) e o Escritório Central de Segurança do Reich. Entre 1933 e 1945, essa área foi o centro nevrálgico de onde foram planejados e coordenados os crimes de perseguição e terror por toda a Europa. A Topografia do Terror não é um museu tradicional, mas um sítio histórico que utiliza a exposição a céu aberto, em meio às ruínas escavadas dos antigos edifícios, para ilustrar a dimensão e a natureza institucionalizada da violência nazista. O interessante deste local é o modo como se insere dentro do próprio espaço urbano, trazendo para o presente a permanência de uma memória, já que em toda a região pode-se observar os resquícios do sítio. Assim como em Auschwitz, a presença de diversas pessoas trazia um alento por demonstrar que conhecer o passado é necessário e imprescindível.

O centro de documentação, um outro espaço pertencente à Topografia, oferece uma extensa e sóbria exposição permanente que detalha a história da ascensão do nacional-socialismo, o papel e a estrutura das instituições de terror, e a cronologia dos crimes que levaram ao Holocausto e a outras atrocidades. A mostra utiliza vasto material

fotográfico e documental original, proporcionando uma visão aprofundada da atuação dos perpetradores e das diferentes vítimas do regime. Assim como do lado de fora, havia muita gente e, muitas vezes, precisávamos aguardar em filas para visualizar algumas das fotografias e textos. Além disso, uma seção preservada das antigas prisões da Gestapo e um trecho do Muro de Berlim, que passava pelo local na era pós-guerra, integram a visita, tornando a Topografia do Terror um local essencial para a reflexão sobre a história alemã recente e um alerta contra a tirania.

Stolperstein (pedras do tropeço)

O projeto *Stolpersteine* (em alemão, pedra do tropeço), idealizado pelo artista alemão Gunter Demnig, é o maior memorial descentralizado do mundo dedicado às vítimas do nazismo. Resolvemos trazê-lo para este relato, mesmo tendo visitado outros centros de memória na Alemanha, devido à sua riqueza e criatividade.

O projeto consiste na instalação de pequenos cubos de latão inseridos no pavimento, no último local de residência ou trabalho de pessoas perseguidas, deportadas ou assassinadas pelo regime de Hitler. Cada pedra é gravada à mão com os dados essenciais da vítima: nome, data de nascimento, data da deportação (se aplicável), e data e local do falecimento. O objetivo não é apenas lembrar os milhões de vítimas do Holocausto e de outras perseguições (como ciganos, homossexuais, testemunhas de Jeová, opositores políticos e deficientes), mas sim restaurar a individualidade de cada uma, tirada pela máquina de extermínio nazista. Ao “tropeçar” nessas pedras, tanto física quanto mentalmente, os pedestres são convidados a inclinar-se para ler a inscrição, um ato simbólico de reverência à memória da pessoa ali homenageada.

Antes do intercâmbio, já sabíamos do projeto; por isso, ao andarmos pela cidade, estávamos atentos à possibilidade de encontrá-los, pois a disseminação do projeto *Stolpersteine* alcançou mais de 1.000 cidades

em mais de 20 países europeus, com o número de pedras instaladas ultrapassando 100.000.

Essa distribuição reflete uma abordagem de memória viva e localizada, garantindo que o passado não seja relegado apenas a museus ou locais centrais de recordação, mas sim reintegrado ao tecido cotidiano das cidades - algo que dialoga bastante com nosso coletivo, quando realizamos nossas intervenções urbanas tendo a cidade não apenas como suporte, mas como instância de memórias. O trabalho de pesquisa para a colocação de cada pedra de Gunter é meticuloso, muitas vezes envolvendo famílias, historiadores e a comunidade local, o que o torna um ato de reparação histórica e envolvimento cívico. Como brasileiros, não poderíamos deixar de buscar uma das pedras mais representativas de nossa história: a de Olga Benário. A pedra foi localizada e, após prestarmos nossa homenagem, nos dirigimos ao Memorial Olga Benário, que fica ali nas imediações.

Conclusão

Como mencionamos, decidimos abordar neste relato apenas cinco centros de memória que visitamos na Alemanha e na Polônia, devido às limitações desta publicação. Entretanto, ainda realizamos visitas à *Konigsplatz* (a praça onde os nazistas realizavam atos públicos), à antiga sede da Gestapo, a uma exposição do grupo de resistência ao nazismo denominado Rosa Branca, ao Museu do Judaísmo, ao Memorial em homenagem aos ciganos Sinti e Roma, à Galeria Olga Benário, ao Memorial do Muro de Berlim, ao Memorial dos Livros Queimados (*Bebelplatz I*), ao Reichstag (Parlamento Alemão), à Igreja do Mosteiro Franciscano, ao prédio da Nova Guarda (*Neue Wache*), ao Muro na *East Side Gallery*, entre outros.

O intercâmbio que realizamos, dentro desses nossos quinze anos de existência como coletivo, foi uma das experiências mais impressionantes, intensas e difíceis vivenciadas. A visita se deu, igualmente, em um contexto de ascensão do populismo de extrema

direita na própria Alemanha – em setembro de 2024, o parlamento alemão teve um crescimento de cadeiras ligadas a políticos anti-imigrantes, por exemplo. Esse fato, mesclado à nossa lembrança da tentativa de golpe de estado de 8 de janeiro de 2023, no Brasil, nos faz pensar sobre a dificuldade de se trabalhar a memória coletiva e quão laborioso é o caminho. Mesmo o país germânico, que havia vivenciado o nazismo e possuía um importante patrimônio histórico voltado para a não repetição, atravessava um momento (ou retorno?) de ameaça de autoritarismos. A dramaturga Mudra, nossa parceira de intercâmbio, salienta que a “cultura da memória” alemã, embora seja considerada um modelo internacional, só deixou de ser controversa por volta da década de 1980.

Encerramos este texto com uma das citações de Primo Levi, localizada em um monumento que nos acena para uma emergência: “Para você e para seus filhos, as cinzas de Auschwitz servem como advertência: faça com que o fruto horrendo do ódio, cujo vestígio você vê aqui, não gere novas sementes, nem amanhã nem nunca”. Esse, acreditamos, é um dos papéis mais importantes da memória coletiva.

Referências

AGAMBEN, G.. **Estado de exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. Organização de Adalberto Müller, Márcio Seligmann-Silva. Tradução de Adalberto Müller, Márcio Seligmann-Silva. Notas de Márcio Seligmann-Silva. Ed. crítica. São Paulo: Alameda, 2020.

CARLUCCI, M. 71% dos brasileiros consideram a democracia melhor forma de governo, segundo Datafolha. **CNN Brasil**, São Paulo, 31 mar. 2024. Política. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/71-dos-brasileiros-consideram-a-democracia-melhor-forma-de-governo-segundo-datafolha/>. Acesso em: 28 out. 2025.

DIDI-HUBERMAN, G. **Que emoção! Que emoção?** Tradução de Paulo Neves. Porto: Dafne Editora, 2014.

GOUVEIA, I.. Campo museológico brasileiro: possibilidades de análise a partir da teoria de Pierre Bourdieu. **Revista CPC**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 38, p. 10–35, 2025. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v19i38p10-35. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpc/article/view/217107>. Acesso em: 13 nov. 2025.

GUERRA, L. E. Q. A bridge for Marielle Franco: place-naming, memory conflicts, and counter-performance in post-dictatorial Brasília. **Landscape Research**, [S. l.], 2025. DOI: 10.1080/01426397.2025.2461567. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01426397.2025.2461567>. Acesso em: 13 nov. 2025.

GUERRA, L. E. Q. **Creative insurgencies in postdictatorial(ising) Brazil: memory conflicts, artistic practices, and political activism**. 2023. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of Arts and Social Sciences, University of Technology Sydney, Sydney, 2023.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent León. São Paulo: Vértice, 1999.

LEVI, P. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOURÃO, A.; NINA, S. A encruzilhada da memória: quando a arte pública derruba os monumentos das ditaduras militares. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 28, p. 212–232, 2023. DOI: 10.35699/2238-2046.2023.45469. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/45469>. Acesso em: 12 dez. 2025.

MOURÃO, A. et al. **Minimanual da Arte Guerrilha Urbana**. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

MOURÃO, A. de A.; FIGUEIREDO, C. F.; SCHINCARIOL, R. **Lampejos**: arte, memória, verdade e justiça. 1. ed. Belo Horizonte: Synergia, 2016.

PACHECO, S. M. N. **Uma cartografia da ausência**: o desaparecimento como estratégia necropolítica da ditadura civil-militar brasileira. 2025. Monografia (Bacharelado em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2025.

PACHECO, S. M. N. et al. Topografia da memória: traços da normal-excepcionalidade na experiência alemã e brasileira. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, Edição 219, out. 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/topografia-da-memoria-tracos-da-normal-excepcionalidade-na-experiencia-alema-e-brasileira/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PÓVOA RODRIGUES, B.; FONSECA, F. Além dos muros: arte urbana, uma discussão política, sociocultural e sua representação geoespacial. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, v. 66, n. 66, p. 1-24, out. 2025. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br>. Acesso em: 12 nov. 2025.

ROCHA, L. A. S. O grupo de intervenção: notas sobre uma proposta metodológica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 19-32.

ROLIM, H. **Potencialidades da arte pública relacional na arte/educação:** práticas da cidade como sala de aula. 2014. Tese (Doutorado em Educação Artística) – Universidade do Porto, Porto, 2014.

Recebido em: 14 de novembro de 2025.
Publicado em: 29 de dezembro de 2025.